

DO “FEIO” AO “PECULIAR”: analisando a obra "O orfanato da Srta. Peregrine para crianças peculiares" à luz da história da feiura

FROM THE “UGLY” TO THE “PECULIAR”: analyzing the work “Miss Peregrine’s home for peculiar children” in the light of the history of ugliness

DESDE EL FEO A LA PECULIAR: analizando el libro “El hogar de Miss Peregrine para niños peculiares” a la luz de la historia de la fealdad

Jander Fernandes Martins¹

Vitória Duarte Wingert²

Resumo: O presente artigo versa sobre a temática Literatura e História. Para tal, recorreu-se à bibliografia especializada dessas duas áreas de concentração. Da Literatura, elenca-se Campagnon (1999), Candido (2004), Costa (2001) e Reis (2003). Já na área do Imaginário (simbólico e social), Durand (2000) e Maffesoli (2001), enquanto campo de estudo da História (HOBSEBAWM, 2013). A partir destes referenciais teóricos, pretende-se tomar como objeto de análise a obra *O Orfanato da Srta. Peregrine para Crianças Peculiares* (RIGGS, 2015), a qual será analisada comparativamente à luz da obra organizada por Umberto Eco intitulada *História da Feiura* (2014), em especial o capítulo XIV – *O Feio dos Outros, o Kitsch e o Camp*, e o capítulo XV – *O Feio Hoje*. Tomando como instrumento de análise as obras supracitadas, pretende-se buscar alternativas reflexivas e dialógicas com o objetivo de responder à seguinte pergunta-problema: os protagonistas do vol. 1 da obra de Ransom Riggs, enquanto “crianças peculiares”, poderiam representar no imaginário atual os “feios de hoje” preconizados na obra de Umberto Eco? Concluiu-se que a primeira obra, ao ser analisada a partir desta última, trata de uma expressão do imaginário social e do simbólico hoje instituídos, os quais permeiam os processos e manifestações culturais (híbridos) da sociedade, a saber, o feio e o belo diluíram-se de tal modo, que não haveria mais o “feio” de outrora, como opositor, dicotômico, mas um novo parâmetro estético, a relação belo-peculiar (referindo-se ao extravagante, excessivo, supranatural, inatural, etc., logo ao *camp* e *kitsch*).

Palavras-chave: História. Imaginário social. Literatura.

¹Pedagogo formado na Universidade Federal de Santa Maria-RS; Especialista em Tecnologias na Educação pela Fundação Universidade de Rio Grande-RS; Mestrando no PPG Processos e Manifestações Culturais na Universidade FEEVALE-RS. Atua como Coordenador Pedagógico na Rede Municipal de Ensino, na cidade de Campo Bom. Membro do Grupo de Pesquisa Metropolização e Desenvolvimento Regional e do Grupo de Trabalho Cultura e Memória da Comunidade, ambos coordenados na Universidade FEEVALE. Desenvolve estudos e pesquisas concentrados nas áreas de: Organização do Trabalho Didático, História da Educação, Educação Infantil, Sociedade e Trabalho, priorizando o enfoque nos Processos e Manifestações Culturais e na Diversidade Étnico-racial. E-mail: martinsjander@yahoo.com.br

²Historiadora formada na Universidade FEEVALE. Atua como docente na rede Municipal de Ensino. Desenvolve pesquisas e estudos com ênfase em: Arqueologia na Educação Básica, Ensino de História e Cinema, Cinema como Fonte Histórica. Integrante do Grupo de Trabalho Cultura e Memória da Comunidade, coordenado na Universidade FEEVALE. E-mail: vitoriawingert@hotmail.com

Abstract: This article deals with the theme Literature and History. For this, we used the specialized bibliography of these two areas of concentration, Literature up lists: Campagnon (1999), Candido (2004), Costa (2001), Kings (2003). In the area of the Imaginary (symbolic and social) Durand (2000), Maffesoli (2001) as field of study History (HOBBSAWM, 2013). From this theoretical framework, we intend to take as "object of analysis" the work Orphanage of Miss. Peregrine for Peculiar Children (RIGGS, 2015), which will be comparatively analyzed in the light of the Work organized by Umberto Eco entitled History of Ugliness (2014), especially chapters XIV - The Ugly of Others, Kitsch and camp, and chapter XV The Ugly Today. Taking as an analytical tool the above works, we intend to seek reflective and dialogic alternatives in order to answer the question-problem. Players Vol 1 Ransom Riggs work as "peculiar kids" could represent the imaginary present the "today ugly" pursued by Umberto Eco Work? It was concluded that the first work to be analyzed from the latter, it is an expression of social and symbolic imagery today instituted and that permeate our processes and cultural events (hybrids), namely that the ugly-beautiful diluted If so that there would be no more "ugly" as before, like an opponent, dichotomous. But a new aesthetic parameter, the beautiful, peculiar relationship (referring to the extravagant, excessive, supernatural, unnatural, etc., then the *camp and kitsch*).

Keywords: History. Social imaginary. Literature.

Resumem: En este artículo se aborda el tema de literatura e historia. Para ello, se utilizó la bibliografía especializada de estas dos áreas de concentración, Literatura listas: Campagnon (1999), Candido (2004), Costa (2001), Reyes (2003). En el ámbito de lo imaginario (simbólica y social) en Durand (2000), Maffesoli (2001) como campo de la Historia estudio (Hobsbawm 2013). A partir de este marco teórico, tenemos la intención de tomar como "objeto de análisis" el trabajo Orfanato señorita. Peregrine para niños peculiares (Riggs, 2015), que será comparativamente analizarse a la luz del trabajo organizado por Umberto Eco titulado Historia de la fealdad (2014), especialmente los capítulos XIV - el feo de los demás, kitsch y el campo, y capítulo XV El feo hoy. Tomando como herramienta analítica lo anterior funciona, tenemos la intención de buscar alternativas reflexivas y dialógicas con el fin de responder a la pregunta de problemas. Los jugadores Vol. 1 Ransom Riggs funciona como "niños peculiares" podría representar el imaginario presentar el "hoy fea" perseguido por Umberto Eco trabajo? Se concluyó que el primer trabajo que debe analizarse desde esta última, es una expresión del imaginario social y simbólica instituyó hoy y que impregnan nuestros procesos y eventos culturales (híbridos), a saber, que la fea-bella diluido Si es así que no habría más "feo" de la antigüedad, como un oponente, dicotómica. Sin embargo, un nuevo parámetro estético, lo bello, peculiar relación (en referencia a la extravagante, excesivo, sobrenatural, no naturales, etc., entonces el campo y el kitsch).

Palavras chave: Imaginario social. Historia. Literatura.

1 INTRODUÇÃO

O presente artigo versa sobre a temática Literatura e História. Para tal, recorreu-se à bibliografia especializada dessas duas áreas de concentração. Da Literatura, elenca-se Campagnon (1999), Candido (2004), Costa (2001) e Reis (2003). Já na área do Imaginário (simbólico e social), Durand (2000) e Maffesoli (2001), enquanto campo de estudo da História (HOBSEBAWM, 2013). A partir destes referenciais teóricos, pretende-se tomar como objeto de análise a obra *O Orfanato da Srta. Peregrine para Crianças Peculiares* (RIGGS, 2015), a qual será analisada comparativamente à luz da obra organizada por Umberto Eco intitulada *História da Feiura* (2014), em especial o capítulo XIV – *O Feio dos Outros, o Kitsch e o Camp*, e o capítulo XV – *O Feio Hoje*.

Tomando como instrumento de análise as obras supracitadas, pretende-se buscar alternativas reflexivas e dialógicas com o objetivo de responder à seguinte pergunta-problema: os protagonistas do vol. 1 da obra de Ransom Riggs, enquanto “crianças peculiares”, poderiam representar no imaginário atual os “feios de hoje” preconizados na obra de Umberto Eco? A hipótese central defendida neste trabalho é que sim e não. Sim, porque aquela obra em sua construção e produção criativa pautou-se totalmente no empreendimento teórico e cultural de Umberto Eco, o “feio de hoje”. Não, porque não há explicitamente nenhuma menção às possíveis influências da obra do escritor italiano. Entretanto, pensa-se poder confirmar tal hipótese a partir de uma constatação, tomando como norte analítico os estudos e a pesquisa na perspectiva dos “processos e manifestações culturais” (SARAIVA et al., [201-]).

Isso, portanto, nos leva a compreender que a noção de feio como oposição ao belo, em outros contextos e épocas históricas, hoje, em uma sociedade pós-moderna, não seria híbrida tão somente. Entendemos que a noção de feiura e feio define-se em um estatuto suspenso que não permite mais atribuir a relação dicotômica feio-belo, mas sim que a noção de “peculiar”, excêntrico, extravagante, excessivo passa a ser, em obras literárias, aquele antigo estatuto do feio, da feiura, levando-nos, com isso, à relação peculiar-belo.

Tal proposta de análise tem como objetivos, dentre outros:

- a) aprofundar conhecimentos sobre as áreas do saber Literário, tanto quanto do Histórico, na perspectiva dos Processos e Manifestações Culturais;
- b) propor um diálogo analítico e comparativo entre as obras literárias tomadas como objeto de análise;
- c) analisar e identificar a que tipo de imaginário cada obra pertence e está vinculada;
- d) identificar que tipos de gênero literário podem ser atribuídos à obra analisada.

Este trabalho justifica-se por duas circunstâncias, quais sejam: a primeira é o fato de buscar aproximar as áreas da História e da Literatura, a partir de um procedimento metodológico comparativo e analítico, à luz dos Processos e Manifestações Culturais. A segunda seria a pertinência de se buscar aproximar duas obras tão distintas, porém tão “peculiares”; de um lado, uma obra magnânima de um grande escritor-pesquisador, Umberto Eco, e, do outro lado, um escritor (Ransom Riggs) com uma trajetória relativamente recente, mas com um sucesso repentino com o lançamento de seu primeiro volume, que o coloca na categoria equiparada à do primeiro escritor. Tal fato singular já nos permitiria uma justificativa plausível para realizar este trabalho.

Dito isto, partir-se-á para o embasamento teórico do trabalho, e este está organizado da seguinte maneira: primeiramente, discorreremos sobre nosso entendimento de Literatura, sua função e o que se compreende por “literariedade”. A partir disto, iremos analisar o objeto literário, de forma comparativa, investigando-o à luz dos critérios literários, tomando como “pano de fundo” a obra de Umberto Eco e, concomitantemente, buscando identificar os elementos historiográficos, do imaginário (simbólico? social? etc.), que porventura consubstanciem essa obra e, por fim, pontuando nossas impressões sobre ela.

Literatura e suas “peculiaridades”

A “Literatura”, enquanto campo científico, é relativamente jovem, assim como a definição que a ela é atribuída, que data no máximo de meados do séc. XIX. Devido a isto, não há uma definição clara sobre “o que é literatura”. Já Candido

(2004, p. 174) se aventura a chamar, ainda que de maneira bastante ampla, a literatura de:

[...] todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura, desde o que chamamos folclore, lendas, chiste, até as formas mais complexas e difíceis da produção das grandes civilizações.

Logo, para este autor, a literatura seria uma manifestação universal do que foi histórica e socialmente produzido pelo homem, ou seja, uma manifestação cultural expressa de forma escrita. No entanto, para se chegar até ela, talvez a melhor opção seja por meio dos “estudos literários”, debruçando-se sobre seu objeto, a saber, “o texto literário” (COMPAGNON, 1999).

Para se chegar a um vislumbamento do que possa ser “literatura”, Compagnon (1999, p. 30) sugere algumas evidências. Concordamos com este autor quando ele credita um caráter indissociável entre “estudo literário e literatura”, ou ainda, imersos um no outro, porque seria difícil ou quase impossível dissociá-los. E a literatura pode ser entendida tanto como “ficção” quanto como “representação” (COMPAGNON, 1999). Mais ainda: para este historiador de literatura, há ainda dois pontos de vista (ainda que contraditórios) que merecem destaques, quais sejam: o *contextual*, que se refere a elementos de ordem histórica, psicológica, sociológica e institucional, e o *textual*, que se refere ao linguístico (COMPAGNON, 1999, p. 30).

Neste sentido, o estudo literário (a Literatura), “[...] está sempre imprensada[o] entre a 'abordagem histórica' e a 'linguística' [...]” (COMPAGNON, 1999, p. 30). Isto é, imersa entre estas duas abordagens, a literatura representa, de um lado, “o texto como documento e, do outro, o texto como fato da língua” (COMPAGNON, 1999, p. 30). Ainda em Compagnon (1999, p. 31), no que se refere à “extensão da literatura”, em “sentido mais amplo” ela também pode ser definida como “tudo o que é e foi impresso”, logo, tudo o que há em bibliotecas, livrarias, magazines, o que, por sua vez, resultou, durante o séc. XIX, na perda de sua “especificidade” quando lhe é destituída a acepção de “belas-letras” (e toda sua correspondência com a retórica, filosofia, história, poética, eloquência). Já em um sentido mais “restrito”, ela “[...] varia consideravelmente segundo as épocas e culturas” (COMPAGNON, 1999, p. 30-31).

A literatura também pode ser distinguida em dois gêneros: o “gênero épico”, como exemplo citam-se as “epopeias”; e o “gênero dramático”, enquanto drama. Essa distinção remonta a Aristóteles, o qual inaugurou a “arte poética” e,

durante a Idade Clássica, influenciou os gêneros da “narrativa” e da “representação”, ou seja, compreendia o “romance, o teatro e a poesia” (COMPAGNON, 1999, p. 32).

Dito isto, então qual seria a função do estudo literário/literatura? Ainda segundo Compagnon (1999), as finalidades/funções já eram preconizadas por Aristóteles na Grécia Antiga, pois naquela época se falava da “katharsis”. O filósofo grego dizia que seria possível “instruir agradando”, colocava o prazer de aprender na origem da arte poética. Logo, esta foi e é para muitos autores e literatos uma “definição humanista de literatura”, que implicaria dois tipos de conhecimento, *um científico* e outro *especial (literário)* (COMPAGNON, 1999, p. 34-36). Se o estudo literário/literatura desde a época grega apresentava os elementos definidores supracitados, hoje, em sua “forma de expressão”, ela é entendida como “linguagem literária³” e “linguagem cotidiana⁴”; porém, os chamados “formalistas russos deram ao uso propriamente literário da língua “[...] o nome de **literariedade** [...]” (COMPAGNON, 1999, p. 40, grifo nosso).

Mas o que seria então esta propriedade, ou melhor, este “objeto da ciência literária” que os literatos russos denominaram de “literariedade⁵”? Para os formalistas russos citados por Compagnon (1999, p. 41-44), “a linguagem literária é motivada (e não arbitrária), autotélica (e não linear), autorreferencial (e não utilitária)”. Este grupo de estudiosos alegava que, para captar sua “propriedade”, dever-se-ia tomar como critério a “desfamiliarização ou estranhamento”, ou seja, a capacidade de um texto renovar a “sensibilidade linguística do leitor através de procedimentos que desarranjam as formas habituais e automáticas de sua percepção” (COMPAGNON, 1999, p. 41), em outras palavras, o uso da linguagem de forma não convencional seria uma propriedade que causaria no leitor uma desfamiliarização, um estranhamento.

Indo ao encontro do que foi dito acima, este “fenômeno de estranhamento”, segundo Chklovski (apud REIS, 2003, p. 155), “consiste na criação de efeitos destinados a suscitar, no leitor, uma estranheza que contraria a rotina”, logo o texto literário ganha “relevância receptiva”. Ainda que a literariedade não dependa em exclusivo das características intrínsecas do discurso literário, tais

³Esta é entendida como uma linguagem mais conotativa, mais sistemática, opaca, intransitiva e refere-se a um uso literário mais estético e imaginário (COMPAGNON, 1999, p. 39).

⁴Este tipo de linguagem, por sua vez, é mais denotativa, mais espontânea, transitiva e refere-se a um uso mais pragmático e referencial (COMPAGNON, 1999, p. 39).

⁵Esta é uma definição pautada no postulado de Roman Jakobson.

elementos podem ser utilizados como critério de análise. Portanto, esta característica literária nos levou a eleger a obra *O Orfanato da Srta Peregrine para Crianças Peculiares* como objeto de análise, pois, conforme discorrido acima, acreditamos que ela esteja em consonância com os elementos literários supracitados, podendo ser este o principal agente contribuidor para o “sucesso de vendas deste livro⁶”.

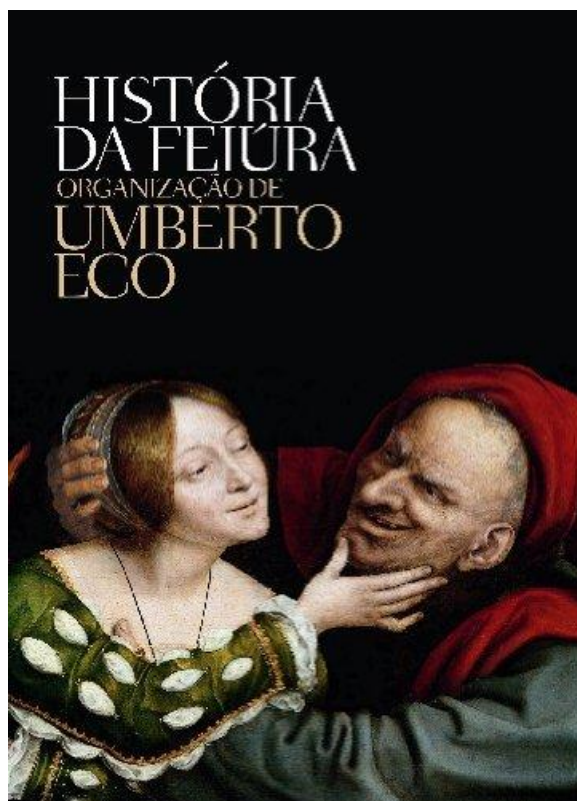
“... como é bela a feiura!...”

Iniciamos este item, com uma citação contida na orelha da obra *História da Feiura*, de Umberto Eco, que trata obviamente da “história do feio”. Pois consideramos pertinente tratar desta obra antes da análise propriamente dita, porque, como já dito, pretendemos investigar uma obra literária (fictícia) na qual a sua temática vem ao encontro da de Eco. Além disso, acredita-se que, assim como na obra de Eco, o tema “feiura” é descortinado de tal modo, que fica evidente o quanto um padrão estético, no decorrer da história, pode vir a ser influenciado e ditado por uma pressão externa como o “imaginário” (enquanto campo de estudo da História), seja ele “social ou simbólico”.

A capa da obra é ilustrativa e convidativa (Figura 1) ao estudo (sério) sobre o tema e como a partir dele se pode suscitar outros desdobramentos. Nesta obra o autor traz à tona e evidencia o quanto uma espécie de cosmovisão estética (ocidental) influenciou, constituiu e produziu “imaginários” nas diferentes épocas e contextos sociais, produzindo processos e manifestações culturais que permearam as diferentes esferas, dentre elas a literária.

⁶Muito embora os autores aqui utilizados também venham a problematizar o fato de que muitos livros não se enquadrariam dentro dos parâmetros e limites qualitativos que permitiriam classificar como sendo ou não uma obra literária (CANDIDO, 2004; COMPAGNON, 1999; REIS, 2003).

Figura 1 – História da Feiura



Fonte: Umberto Eco (2014).

Ainda que a obra não seja tão contemporânea, pensa-se que sua temática é atemporal⁷, visto que, nos dias de hoje (2016), há um consenso de que a “busca pela estética e a beleza” é, e está, cada vez mais a ditar as formas peculiares e generalizadas de manifestações culturais na sociedade, principalmente na Ocidental, considerada por muitos como “fragmentada” (HALL, 1997), por outros, ainda, como “modernidade líquida” (BAUMAN, 2001), ou ainda, “híbrida” (CANCLINI, 2000). Umberto Eco consegue, com esta obra, nos levar para outra perspectiva de entendimento sobre o (gosto) estético, no interior desta “cultura do belo” que nos pressiona diariamente, através de anúncios publicitários, comerciais televisivos, *shoppings*, etc., que são “a feiura, o feio, o grotesco, horripilante, etc. (ECO, 2014)”.

Porém, esta busca não é de hoje. Eco (2014, p. 9) na *Introdução* desta obra assevera que “ao longo de séculos, filósofos e artistas sempre elaboraram definições do belo [...] Já com o feio, foi diferente. Na maioria das vezes, o feio era

⁷A obra *História da Feiura* foi traduzida no Brasil pela editora Record e lançada em 2014. O escritor italiano a divide em 15 capítulos (mais a introdução), distribuídos em uma linha do tempo histórico, dentro de uma perspectiva tanto artística quanto filosófica, iniciando na Grécia Antiga e culminando nos dias de hoje (refere-se mais ou menos ao ano de 2007).

definido como oposição ao belo [...]”. Logo, “os conceitos de belo e feio são relativos aos vários períodos históricos ou às várias culturas [...]”. Como se vê, a estética acompanha a humanidade já há bastante tempo e, ainda que ela possa ser relativizada, nunca deixou de ser buscada e normatizada, padronizada, isto é: “Dizer que o belo e o feio são relativos aos tempos e às culturas (ou até mesmo aos planetas) não significa, porém, que não se tentou, desde sempre, vê-los como padrões definidos em relação a um modelo estável” (ECO, 2014, p. 15).

Assim sendo, no capítulo XIV (O feio dos outros, o kitsch e o camp) e no XV (O feio hoje), Umberto Eco (2014, p. 394, grifo nosso) se refere aos “Kitsch”⁸:

O feio é também um fenômeno cultural. [...] Poderíamos dizer, é certo, que os fatores econômicos sempre pesaram nestas discriminações, no sentido em que a elegância sempre foi associada ao uso de tecidos, cores pedras caríssimas. **Mas muitas vezes o fator discriminante não era econômico, mas cultural.**

Duas coisas, a partir desta citação, não podemos deixar de destacar. A primeira é o fato claro de que, se beleza é uma questão mais do que estética, é cultural, logicamente, que a feiura também o é, mas isto nem sempre foi assim tratado. Portanto, o autor “nivela” ambas. A segunda é que ele dá um caráter mais profundo, amplo e complexo para esta noção. Ele a desloca do simples gosto estético para um patamar superior, o da esfera cultural.

O autor também faz menção ao que denomina de “Camp” (ECO, 2014, p. 408), que seria “[...] uma forma de sensibilidade que, mais que transformar o frívolo em sério [...] transforma o sério em frívolo”. E ele completa esse entendimento nestes termos:

O *Camp* não se mede com base na beleza de algo, **mas no seu grau de artifício e estilização**, e define-se tanto como um estilo, quanto como uma capacidade de olhar para o estilo alheio. **Deve existir no objeto camp algum exagero e alguma marginalidade** [...] além de alguma **vulgaridade**, mesmo quando pretende refinamento. (ECO, 2014, grifo nosso).

Assim, o autor assevera que, na dimensão estética, filosófica (e também cultural) inicia, em meados do séc. XX, um movimento de “devoção ao feio”. Tanto que, como destacado, para ser definido como tal, haveria a necessidade de se

⁸Por este termo, o autor alega “[...] remontar à segunda metade do séc. XIX, quando os turistas americanos em Munique, querendo comprar quadros, mas com preços baixos, pediam desconto (*sketch*) [...] designando quinquilharias para compradores desejosos de experiências estéticas fáceis” (ECO, 2014, p. 394). Porém, o autor aventura-se a defini-la como uma “[...] obra que, para justificar a sua **função de estimuladora de efeitos**, se pavoneia com os despojos de outras experiências e se vende como arte sem restrições.” (ECO, 2014, p. 404, grifo nosso).

constatarem elementos com *excesso*, *vulgaridade*, *fuga do normatizado*, mas de um ponto de vista não calculado, ou seja, nem todo feio poderia nem pode ser visto como *Camp*⁹. Entretanto, “todos os objetos e as pessoas *camp* **devem apresentar um elemento de extremismo contranatura [...] é o amor pelo excêntrico**, pelas coisas-são-que-são-como-não-são [...]” (ECO, 2014, p. 411, grifo nosso). Aí estão, portanto, elementos que nos permitiriam, dentro de uma proposta de análise literária, constatar o que poderia ou não ser definido como feiura, feio, grotesco, sem ser simplista e raso.

Mais ainda, porque o último capítulo da obra do escritor italiano está essencialmente imbricado na noção do feio na época da vanguarda, visto que, segundo Eco (2014, p. 421-437), ao se referir ao “feio hoje”, ele entende que “estamos, portanto, diante de uma selva de contradições”, pois se consegue amar “monstros talvez feios mas certamente amabilíssimos” como E.T. (criatura do filme de grande sucesso de Steve Spielberg), bem como os extraterrestres de *Starwars* e também *King Kong*, *Godzilla*, *cyborgs*, *robôs*, etc., criaturas “pavorosas”, mas que cativaram milhões de pessoas (adultos e crianças).

Desta constatação, o autor assevera que hoje “a oposição belo/feio *não tem mais valor estético*: feio e belo seriam **duas opções possíveis a serem vividas de modo neutro [...]** (ECO, 2014, p. 426, grifo nosso). Não se sabe até que ponto se trata de uma constatação real, concreta e verdadeira. No entanto, o que se pode inferir, desta obra e destas considerações feitas pelo autor, é que, desde o fim da década de 90 do séc. XX, se proliferou esta presença “neutra” entre o belo e o feio, fazendo com que, hoje (2016), não se consiga mais distinguir o que é *kitsch* ou *camp*. Logo, se, há duas décadas ou talvez até um século atrás, havia uma fronteira clara entre o que era ou não feio (a partir do que é belo), hoje, com esta definição seria mais difícil de identificar as fronteiras, possivelmente por estarmos vivenciando, inseridos, constituindo e sendo constituídos por processos e manifestações culturais que tenham como grande característica o culto ao extravagante, ao diluído, ao fragmentado, portanto ao híbrido (BAUMANN; CANCLINI, 2000; ECO, 2014; HALL, 2007; SARAIVA et al., [201-]).

⁹Como exemplo ilustrativo, “são definidos *camp* uma mulher que passeia com um vestido feito com três milhões de plumas [...]” (ECO, 2014, p. 410).

Entendido o contexto histórico¹⁰ e atual neste sentido, cabe ainda indagar: se o feio permeava os imaginários simbólico e social de tempos passados e hoje eles são “neutros”, onde e como o feio permeia e se manifesta nos e pelos imaginários social e simbólico na literatura?

Nossa resposta hipotética seria que a feiura se encontra não mais em uma relação dicotômica entre “o feio e o belo” nem diluída em uma neutralidade “feio/belo”, mas *suspensa* em outros atributos, como no sentido dado ao título da obra de Ransom Riggs, “crianças peculiares”. E é isto que faremos a partir do próximo item.

“... eram monstros com rosto humano, em uniformes impecáveis e que marchavam em fileiras cerradas, tão despreocupados que não se percebia o que eram até ser tarde demais...”

Iniciamos esta fase do trabalho com um fragmento do prólogo do livro de Ransom Riggs (2015, p. 13) que vem ao encontro do que foi exposto até agora. Ora, se entendemos que o feio hoje está em “suspensão”, neutro, destituído de sua histórica e imaginária oposição ao belo, nada mais híbrido, diluído e fragmentado do que considerar elementos do feio imbricados no belo, como definido nas expressões “monstros com rosto humano” e “em uniformes impecáveis”.

Não seriam estes destaques “pistas” de um “imaginário” (em relação ao feio) nos dias de hoje? Acreditamos que sim, e este nosso posicionamento analítico se pauta tanto em Maffesolli (2001) quanto em Durand (1996, 2000), ou seja, buscamos, tanto no imaginário “social” quanto no “simbólico”, os elementos que nos permitiram realizar este procedimento analítico e isso nos levou a algumas constatações que se seguem abaixo.

Em Maffesolli (2001, p. 75-76), buscamos o entendimento de “imaginário coletivo”, uma espécie de “uma construção mental”, “uma atmosfera”, “cimento social”, “um tribalismo”. Resumindo, “é o estado de espírito de um grupo, de um país, de uma comunidade”; portanto, ainda que ouçamos muitos dizerem “o meu”, “o teu” imaginário, este nunca é individual. Nesta ótica, a noção de feio (e de belo também) que cada indivíduo diz ser dotado singularmente não se aplica, pois “o imaginário coletivo repercute no indivíduo de maneira particular”, basta uma análise

¹⁰ Consideramos importante perpassar alguns entendimentos passados, por concordarmos com Hobsbawm (2013, p. 38, grifo nosso) ao afirmar que “[...] o valor da investigação histórica sobre ‘o que de fato aconteceu’ para a solução desse ou daquele problema específico do presente e do futuro é inquestionável [...]”.

mais focada para se perceber que o “imaginário de um indivíduo é muito pouco individual, mas sobretudo grupal, comunitário, tribal, partilhado” (MAFFESOLLI, 2001, p. 75-80). O mesmo vale para a questão do feio? Pensemos.

Já Durand (1996, 2000) parte do entendimento de que o “imaginário constrói a realidade”. E, dentre outros elementos, o “simbólico” para ele é crucial nesta construção de mundo. Para este autor, o “símbolo” seria “um sistema de **conhecimento indirecto** em que o significado e o significante”, ou seja, “o símbolo seria um caso limite de conhecimento **indirecto** onde, paradoxalmente, este último tende a tornar-se **directo**” (DURAND, 1996, p. 74, grifo nosso). Com isto o autor propõe que o “símbolo define-se como pertencente à categoria do signo” (DURAND, 2000, p. 8). Logo, se o símbolo se encontra na esfera do signo, é preciso compreender, segundo o autor, que podemos distingui-lo em dois tipos: “arbitrários” e “alegóricos” (DURAND, 2000, p. 9). E é nesta esfera de compreensão que se pode começar a vislumbrar uma definição de “imaginário simbólico”, e isto ocorre quando a “imaginação simbólica não é *de modo algum apresentável* e o signo só pode referir-se a um *sentido* e não a uma coisa sensível”. Ela é a “transfiguração de uma representação concreta através de um sentido para sempre abstracto”. E estes símbolos arbitrários e alegóricos ainda podem ser distinguidos em três dimensões: *cósmica, onírica e poética* (DURAND, 2000, p. 10-12, grifo do autor).

Diante disto, como poderíamos interpretar a questão do feio e da feiura, à luz desta interpretação imaginária simbólica, em nosso contexto pós-moderno atual?

Uma das possibilidades hipotéticas poderia ser por meio de iconografia impressa em obras literárias, tal qual esta que aqui analisaremos agora, com o objetivo de tentar identificar se ela, por abordar a temática do excêntrico, do extravagante, do excessivo, do “peculiar”..., se enquadra aos parâmetros de entendimento postulados por Umberto Eco na obra supracitada. E, com isso, refletir sobre a possibilidade de que hoje, no âmbito do imaginário social e do simbólico, o feio seja interpretado e mediatizado literariamente no formato de personagens fantásticos, excêntricos, diferentes, poderosos, inusitados, como, por exemplo, na expressão “personagens peculiares”.

A obra *O Orfanato da Srta. Peregrine para Crianças Peculiares* (Figura 2), “que mistura ficção e fotografia”, trata da história ambientada em dois períodos temporais diferentes, atualidade e 2ª Guerra Mundial (1942-1945). O protagonista da

ficção é um adolescente (Jacob) com idade de 16 anos que vivencia uma tragédia familiar – a morte de seu avô Abraham Portman, o qual viveu em um orfanato quando era garoto, refugiando-se da guerra e da perseguição em função de ser judeu. Deste período em que viveu no orfanato, o vovô Portman guarda algumas fotos de crianças peculiares e sempre conta ao neto Jacob as aventuras que viveu nesse lugar sobre as “habilidades peculiares” de seus colegas de orfanato e como eram perseguidos por monstros. Com o passar do tempo, Jacob começa a considerar as histórias de seu avô meras fábulas fantasiosas.

Porém uma tragédia acontece, acarretando a morte misteriosa do avô, e Jacob vê-se viajando para uma “ilha remota na costa do País de Gales” (RIGGS, 2015), onde descobre as ruínas do tão falado “orfanato de crianças peculiares” dirigido pela Srta. Peregrine.

Figura 2 – O orfanato da Srta. Peregrine para crianças peculiares



Fonte: Ransom Riggs (2015).

A busca pela ilha e pelo orfanato se dá em função das últimas palavras do avô: “Vá para a ilha, lá você estará em segurança, encontre a ave. Na fenda. Do outro lado do túmulo do homem velho. Três de setembro de 1940” (RIGGS, 2015, p.

31). Porém, ao chegar à ilha e conversar com os nativos, o menino descobre que o orfanato fora destruído pelos alemães, em um bombardeio à ilha; Jacob vai até o local, e encontra apenas ruínas.

Certo dia, Jacob sente-se observado e, quando vai averiguar, encontra crianças que lhe parecem familiares, caminhando por entre as ruínas do orfanato, então ele as reconhece das fotografias que seu avô lhe mostrava. Quando as crianças notam que foram vistas, fogem correndo por um pântano e entram em uma gruta, e Jacob as segue. Quando ele atravessa a gruta, o que vê no outro lado o deixa espantado: era o orfanato, só que totalmente restaurado. Em um lindo jardim, havia várias crianças, as mesmas das fotografias, brincando e treinando suas peculiaridades (poderes). Dentre essas crianças, Olive (*vide* sua imagem na Figura 2), uma menina que levitava mas, como ainda não controlava seus poderes, precisava usar sapatos de ferro para não sair voando.

Outras ainda: Clare, que possuía uma boca na nuca (Figura 3); Millard, o garoto invisível; Emma, que produzia fogo com as próprias mãos (Figura 4); Bronwyn, que tinha força descomunal; Fiona, que manipulava plantas; Hung, que possuía uma colmeia vivendo dentro de sua barriga (Figura 5); e a própria diretora do orfanato, que se transformava em falcão peregrino, por isso o nome Peregrine. Além desses, havia *ymbrynes*, que significa “alguém que pode manipular o tempo”, e desta forma se explica o porquê de o orfanato estar intacto e de as crianças não terem envelhecido. Eles estavam dentro de uma “fenda temporal”, criada por Peregrine, na qual todos os dias era 03 de setembro de 1940 e, à meia-noite, a fenda era reiniciada. Ela servia de abrigo e proteção a seus moradores peculiares.

Figura 3 – Clare - cachos dourados



Fonte: Ransom Riggs (2015).

Figura 5 – Hung e as abelhas



Fonte: Ransom Riggs (2015).

Figura 4 – Emma produzindo fogo com as mãos. Folha de rosto no livro



Figura 6 – Foto de uma menina dentro da garrafa



Esta obra fez tanto sucesso, que foi líder de venda literária e, devido a isto, neste ano ganhou uma versão cinematográfica¹¹, dirigida pelo cineasta Tim Burton.

Acredita-se que uma das “chaves” constatadas para que esta obra tenha tido grande aceitação pelo público literário, para além da propaganda e publicidade

¹¹O trailer está disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Gfm9LkMVsk4>. Acessado em: 24/07/2016. O filme trata apenas do volume 1, sendo que se trata de uma trilogia: volume 2, *Cidade dos Etéreos*, e volume 3, *Bibliotecas de Almas*.

realizadas obviamente, é o fato de interagir “ficção – realidade – fotografia – literatura – história”.

Um exemplo claro disto é o seguinte fragmento:

[...] A vida de Abe duas vezes mais, porque ele **nasceu judeu** na pior época possível. **Ele encarou um genocídio duplo, dos judeus pelos nazistas e dos peculiares pelos etéreos.** Ele vivia atormentado pela ideia de que estava aqui escondido enquanto seu povo, tanto judeus quanto peculiares, estava sendo massacrado. (RIGGS, 2015, p. 236, grifo nosso).

Logo, mesclar eventos históricos e, ao trazer para a narrativa literária estes elementos, enriquecê-los com elementos ficcionais permite que tanto o “estranhamento” quanto um processo de catarse emergjam do leitor, possibilitando consequentemente essa aproximação e cativação da obra e do sujeito leitor.

2 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Buscou-se neste trabalho refletir sobre a possível interação entre duas obras literárias distintas em gênero e conteúdo: de um lado, a obra de ficção literária de Ransom Riggs *O Orfanato da Srta. Peregrine para Crianças Peculiares*; do outro, a *História da Feiura*, de Umberto, na perspectiva dos “Processos e Manifestações Culturais” (SARAIVA et al., [201-]).

Essa categoria analítica – que permite aproximar teoricamente os postulados sobre imaginário social (MAFFESOLLI, 2001) e imaginário simbólico (DURAND, 1996, 2000), em uma sociedade pós-moderna líquida (BAUMANN, 2000), caracterizada pela globalização e pelo fenômeno da mundialização (CANCLINI, 2000), nas quais os sujeitos e suas identidades apresentam características e “peculiaridades” fragmentadas (HALL, 1997) – possibilita entender o grau de representação destas características da sociedade atual, representadas cultural e simbolicamente nestas personagens fictícias da obra de Ransom Riggs.

Neste sentido, pode-se constatar então que a relação feio-belo está “diluída” de tal modo na sociedade, que não há mais a valorização e massificação da “noção de feio como oposição ao belo”, como demonstra Eco (2014) em sua obra. E isto pode vir a ser identificado, por exemplo, em uma obra literária, como no caso da obra de Riggs (2015) que aqui se tomou como objeto de análise. Nesta obra há uma nova manifestação de relação estética de caráter dual, qual seja: há agora uma relação “belo-peculiar” (referindo-se ao extravagante, excessivo, supranatural, inatural, etc., logo ao *camp* e *kitsch*, portanto ao feio) transposta para o universo

deste livro, sob o *slogan* e características estéticas e de personalidades denominadas de “peculiar”.

Assim, institui-se esta relação do “belo-peculiar (feio)” como novo fenômeno cultural, inaugurando um novo patamar estético de manifestação cultural na sociedade. Isso se dá não apenas pondo e impondo, paradoxalmente, a busca e a legitimação da “ditadura da beleza” no que é “belo” genuinamente falando, mas também se incorporando a este movimento comportamentos, imaginários, símbolos, linguagens e relações. Estas relações, absorvendo a antiga noção de feio (como oposição ao belo), o diluem de tal modo que, hoje, se aventura a propor, como forma de compreensão destes fenômenos, que a “ditadura da beleza” não mais se restringe e comporta apenas a noção de belo, porquanto, também e necessariamente, deverá incorporar outras formas de manifestações estéticas, como é o caso desta noção de feio-peculiar como forma de beleza, de belo.

Destaca-se, ainda, que o próprio Ransom Riggs (2015) – estando imerso em uma sociedade pós-moderna, marcada por relações líquidas, efêmeras, fragmentadas e por processos e manifestações culturais também caracterizados por padrões de globalização¹² e por fenômenos de mundialização¹³ – faz com que sua obra seja e esteja atrelada à obra de Umberto Eco, explícita ou implicitamente, consciente ou inconscientemente.

Portanto, parece ser evidente a influência deste último autor e sua “noção de feio como manifestação cultural”, na constituição de cada personagem e do enredo criado por Riggs em sua obra *O Orfanato da Srta. Peregrine para Crianças Peculiares*. Pode estar aí uma das motivações que fizeram com que esta última obra tenha feito tanto sucesso mundial entre os consumidores de literatura, já que o autor também não abre mão de usufruir e mesclar elementos como: ficção – realidade – fotografia – literatura – história. Estas dimensões, a partir da leitura, análise, identificação e reflexão sobre a obra *O Orfanato da Srta. Peregrine para Crianças Peculiares*, nos levam a perguntar: afinal, o que é a feiura?

¹²Pois livros são vendidos e consumidos em todo o mundo, sendo ambas as obras prova disso, pois uma é de origem americana e a outra de origem italiana, mas ambas circulam e são comercializadas, por exemplo, no Brasil.

¹³Isto porque uma cultura diferente pode e é inserida em outros contextos culturais por meio da circulação de obras de literatura vendidas. No caso, é perceptível a cultura italiana manifestada na obra de Umberto Eco, bem como na de Ransom Riggs, que é um misto de britânica com americana e que, ambas influem e são inseridas em uma cultura e contexto diferente, como no caso da brasileira.

REFERÊNCIAS

- BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro, RJ: Zahar, 2001.
- CANCLINI, N. G. **Culturas híbridas**: estratégias para entrar e sair da Modernidade. Tradução Heloisa Pezza Cintrão, Ana Regina Lessa. 3. ed. São Paulo: Ed. Universidade de São Paulo, 2000.
- CANDIDO, A. Direito a literatura. In: _____. **Vários escritos**. São Paulo: Duas Cidades; Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2004.
- COMPAGNON, A. A literatura. In: _____. **O demônio da teoria**: literatura e senso comum: Introdução aos estudos literários. Porto Alegre: ED. UFMG, 1999.
- _____. O leitor. In: _____. **O demônio da teoria**: literatura e senso comum: introdução aos estudos literários. Porto Alegre: ED. UFMG, 1999.
- COSTA, L. M. da. **Representação e teoria da literatura**. Cruz Alta: UNICRUZ, 2001.
- DURAND, G. **Campos do imaginário**. Lisboa, Portugal: Piaget, c1996.
- _____. **A imaginação simbólica**. Lisboa, Portugal: Edições 70, 2000.
- ECO, U. (Org.). **História da feiura**. Tradução Eliana de Aguiar. Rio de Janeiro: Record, 2014.
- HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- HOBSBAWM, E. **Sobre história**. Tradução Cid Knipel Moreira. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.
- MAFFESOLI, M. O imaginário é uma realidade: entrevista. **Revista FAMECOS**, Porto Alegre, n. 15, ago. 2001. Disponível em: <<http://200.144.189.42/ojs/index.php/famecos/article/viewArticle/285>>. Acesso em: 10 mar. 2016.
- REIS, C. A linguagem literária. In: _____. **O conhecimento da literatura**: introdução aos estudos literários. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.
- RIGGS, R. **O orfanato da Srta. Peregrine para crianças peculiares**. Tradução Edmundo Ribeiro, Marcia Blasques. 2. ed. São Paulo: Leya, 2015.
- SARAIVA, J. I. A. et al. **A interdisciplinaridade nos processos e nas manifestações culturais**. Novo Hamburgo: FEEVALE-RS, [201-]. Disponível em: <<https://aplicweb.feevale.br/site/files/documentos/doc/32051.doc>>. Acesso em: 15 maio 2016.

UMBERTO Eco: o belo e o feio (história da beleza e história da feiura): entrevista.
You tube, [2009?]. Disponível em:
<<https://www.youtube.com/watch?v=OOIOkc6fSuE>>. Acesso em: 24 jul. 2016.